

PARA UMA HISTÓRIA DA LITERATURA E DOS INTELECTUAIS NO PORTUGUAL OITOCENTISTA

Luís Augusto Costa Dias
(Biblioteca Nacional Portuguesa)

SÉRGIO NAZAR DAVID

O SÉCULO DE SILVESTRE DA SILVA, VOL. 1 – ESTUDOS SOBRE GARRETT, A. P. LOPES DE MENDONÇA, CAMILO CASTELO BRANCO E JÚLIO DINIZ, LISBOA: PREFÁCIO, 2007

VOL. 2 – ESTUDOS QUEIROSIANOS, RIO DE JANEIRO: 7LETRAS/FAPERJ, 2007

Porque não resiste um historiador a fazer a recensão crítica de um livro (aliás, dois) de estudos literários? O título geral deste conjunto de estudos, que coloca a ideia de *século* como objecto de proposta, poderia dar resposta imediata, mas seria aparente justificação: poderia tratar-se apenas de uma abordagem de autores compreendidos entre Almeida Garrett e Eça de Queirós, escritores que, não apenas pelo imenso e consabido génio literário, balizam a cultura portuguesa do século XIX a que, com justos motivos, poderá chamar-se *o século de Garrett e Eça*.

Mas não. O interesse irresistível da leitura das abordagens de Sérgio Nazar David resulta, afinal, do seu enquadramento teórico: por entre estudos muito pertinentes de algumas das obras de vários escritores oitocentistas portugueses perpassa *uma ideia* de século que representa um contributo inestimável para a compreensão da cultura portuguesa – talvez não o mais importante, mas o que me despertou toda a atenção. Explico melhor, *O Século de Silvestre da Silva* é explicitamente o “fio condutor” das metamorfoses da sociedade portuguesa através da singularidade dos escritores escolhidos; é, portanto, um elo cognoscente que conduz a uma compreensão para lá das obras estudadas, aí onde estas representam, para além do seu intrínseco valor esté-

tico, o papel de factos de civilização. Silvestre da Silva é um personagem ficcional camiliano que, conforme explica Nazar David, passa ao longo da sua vida pelas etapas que resumem a elite romântico-liberal: começa por lançar-se “na busca da felicidade pelo amor”, mas, traído, “abraça o jornalismo” cívico, acabando por “concluir que melhor seria abaixar os braços e cuidar do bem estar do corpo”... afinal “para morrer de indigestão”.

Se o estudioso desvenda nas obras analisadas, nas tramas ficcionadas, nos personagens envolvidos “os impasses maiores” no seio das elites culturais e políticos portuguesas numa sociedade que designa por “vitoriana” – e fá-lo com fina sensibilidade ensaística e elegante exposição, sob o domínio de um enfoque psicanalítico –, com isso constrói uma *ideia de século*: um “século XIX que emerge das obras aqui estudadas”. Como o faz? A isso convido o leitor a apreciar mais de perto, na densidade e na competência das brilhantes análises patentes em cada um dos estudos. Mas tal *ideia de século* não é nem apriorística nem a finalidade dos ensaios empreendidos, antes o resultado de um trabalho científico na confluência dos estudos literários com a história cultural e social. Tudo se passa como se, através de ensaios autónomos e com especificidade própria (e ora reunidos em dois volumes de estudos), Nazar David convivesse com a construção permanente dessa *ideia de século* surpreendida na caracterização da elite dominante nas suas transformações ou, antes, metamorfoses, diante dos problemas postos pelos personagens ou situações ficcionais analisados.

Por isso, afirmei não resistir ao interesse que os resultados destes estudos literários trazem, nas implicações sociais, políticas e culturais explicitadas pelo seu autor, para a História dos Intelectuais no Portugal de Oitocentos que desenha, nos seus traços largos, uma trajectória de crise da consciência que começou nas receitas possíveis do optimismo de um “escritor público”, à maneira de Garrett, profeta das causas públicas; passou ao cardápio diversificado de um “publicista”, conforme a designação sacralizada por Sampaio Bruno, cuja actividade jornalística foi a face mais visível de um repasto que incluiu o exibicionismo parlamentar e a intriga dos partidos, a passagem pelas pastas ministeriais, os interesses financeiros e o diletantismo de toda a ordem; no seu caso, o tipo romântico-liberal desta elite intelectual veio a morrer... de indigestão, expressão metafórica e irónica da morte pelo tédio, quando não pelo suicídio, que faz lembrar a versão “janota-jantante” aposta

por Eça aos “vencidos da vida” em que a *geração de 70* se metamorfoseou.

Data de recebimento: 16 março 2009

Data de aprovação: 28 abril 2009